

Nº 3 - Maio 2010



MOSTRA DE TEATRO



a Rocha

Uma Escola Multidimensional que Hoje Seja Mais e Melhor que Ontem



09/10



26

OFERTA DA ESCOLA

Um Ensino e Formação com Qualidade



28

ROCHA EM NÚMEROS



27

DIPLOMAS DO QUADRO DE EXCELÊNCIA

2008/2009



Editorial

“A Rocha” está de volta.

Desde 2007, pelo dia 18 de Maio, a revista “A Rocha” aparece, encarnando um pouco a vida de diferentes gerações que frequentaram ou permanecem na Escola Secundária Rocha Peixoto.

A Rocha é, e será sempre, a janela que se abre para entrar o ar saudável da vivência passada, da actividade presente ou do sonho que povoa a mente dos jovens e dos menos jovens. Aqueles que passaram por esta Escola continuam no coração de todos os que nela trabalham, por isso, é uma feliz nostalgia podermos partilhar este encontro, corporizado nos seus textos aqui publicados, com antigos alunos que vão concretizando os seus sonhos no dia-a-dia.

Este ano, a nossa revista não poderia ficar indiferente ao 10 aniversário do grupo de teatro “Devisa”. São dez anos que se comemoram cheio de momentos de glória que uma juventude criativa, orientada pelo professor Jorge Curto, revela os seus dotes de bem utilizar a arte de Talma. Como escreve Hercílio Almeida: “Representar dá alegria / Dá prazer à nossa alma, / Quer se chore, quer se ria, / É isto a arte de Talma” O teatro, como diz a Dr^a Maria João Brilhante, é a “arte que se caracteriza pela confluência de diversas linguagens, pela efeméride das suas práticas e pela repercussão social e cultural que possui”.

“A Rocha” não esquece também o centenário da implantação da república. O derrube do regime monárquico, em cinco de Outubro de 1910, e a implantação da República, foi um momento importante da história do povo português, apesar das fraquezas que trouxe consigo, também trouxe muitos benefícios. O ensino, com o incremento da instrução pública, muito beneficiou com o aparecimento da República. A Rocha Peixoto é filha dessa avidez pelo saber e instrução.

A nossa Escola está renovada. O senhor Primeiro Ministro presidiu à inauguração da remodelação da Escola no dia 16 de Janeiro. A Escola está nova e grande, mas sem as pequenas realizações que a animam, não terá qualquer sentido.

A nossa revista é testemunha de que as grandes realizações só são possíveis quando se dá importância aos pequenos começos.

Vamos continuar a sonhar que até uma “Rocha” poderá colaborar na mudança e progresso do mundo. Como dizia alguém: “O mundo está nas mãos daqueles que têm coragem de sonhar e de correr o risco para viver seus sonhos.”

Justino Pereira

Os Alunos, os Pais, a Escola

Creio podermos afirmar que ao verem este título, muitos estarão a pensar: lá vem mais uma vez o estafado assunto da necessidade que a Escola tem de afirmar a importância dos Pais na Escola.

De facto, para esta breve reflexão, para a qual solicitamos a vossa paciência, tivemos o cuidado de reler anteriores reflexões que fizemos e também de ler cuidadosamente vários artigos sobre o assunto, publicados em páginas Web, e francamente julgamos que nunca será demais enfatizar a importância que este assunto tem, porque infelizmente continua sempre actual.

Sobre a importância ela será mais ou menos evidente e sobre a actualidade bastará recordar os fenómenos de Bullying, com as consequências conhecidas, ou a actual legislação que consagra uma presença determinante dos pais e da comunidade nos órgãos de gestão da Escola.

Mas então se a participação dos Pais e da Comunidade da área pedagógica de influência da Escola, é determinante, as responsabilidades de cada um dos actores, não serão também acrescidas? Aos pais e restante comunidade, exige-se visão estratégica e vontade de colaborar, à Escola exige-se a mesma vontade de colaborar, mas também a capacidade técnica, científica e pedagógica para a colocar em prática.

Se a visão estratégica exige um conhecimento aprofundado do passado, uma observação atenta do mundo actual e das perspectivas futuras e decorre num patamar mais ou menos filosófico, onde as interacções são basicamente exteriores à Escola; a prática pedagógica para além de requerer capacidades profissionais, pode e deve ser muito influenciada por uma constante interacção entre a Escola e a Família, sendo aqui pilares fundamentais os Encarregados de Educação e os Directores de Turma.

Escrevia-se em artigo publicado no site "Educare", que:

“ O que fazer para motivar os pais a irem à escola? (...)

A linguagem - O director de turma precisa de conhecer bem o contexto sociocultural dos encarregados de educação e utilizar uma linguagem a ele adequada. Deverá ter esse cuidado na comunicação oral e na escrita.

Abordagens positivas - Quando é preciso chamar os pais por haver problemas, há vários cuidados a ter:

1. Não culpabilizar os pais, seja de forma directa ou indirecta.
2. Respeitar a sua dignidade e a sua privacidade - (...)
3. Sugerir e/ou procurar, em conjunto com eles, estratégias de resolução.
4. Reuniões com conteúdo significativo “

Uma vez tidos estes cuidados, quando devem afinal ir aos Pais à Escola?

“ A ida à Escola para falar com o Professor ou com o Director de Turma é vista por muitos como sinónimo da existência de problemas. Será que a deslocação dos Encarregados de Educação à Escola só se justifica quando existem problemas? **Será que só convém lembrarmos de Santa Bárbara quando troveja?**”

“ As deslocações dos encarregados de educação à Escola devem ser frequentes. Essa prática tem muitas vantagens:

- Os alunos sentem-se acompanhados e sentem que a sua actividade estudantil tem importância para a família;
- Os encarregados de educação podem dar a conhecer as características dos jovens, para melhor adequação do processo de ensino-aprendizagem;
- Possíveis problemas poderão ser detectados mais cedo e tratados com mais facilidade;
- Poderão ser definidas estratégias de actuação comuns, para que o discurso da família e o da escola não sejam contraditórios e se possam reforçar mutuamente. “

(...) não é só o sucesso académico que está em causa, mas o sucesso educativo em geral. Na verdade, uma criança feliz, autoconfiante e motivada aprenderá com muito mais facilidade (...)

Na realidade a família e a escola formam uma equipa. É fundamental que ambas sigam os mesmos princípios e critérios, bem como a mesma direcção em relação aos objectivos que desejam atingir.

O ideal é que família e Escola tracem as mesmas metas de forma simultânea, propiciando ao aluno uma segurança na

aprendizagem de forma, a poder criar cidadãos críticos capazes de enfrentar a complexidade de situações que surgem na sociedade.

Existem diversas contribuições que tanto a família quanto a Escola pode oferecer:

Da Família:

- Selecionar a Escola com base em critérios que lhe garantam a confiança na forma como a Escola procede diante de situações importantes;
- Dialogar com o filho sobre os conteúdos, que ele está a trabalhar na Escola;
- Cumprir as regras estabelecidas pela escola de forma consciente e espontânea;
- Deixar o filho a resolver por si só determinados problemas que venham a surgir no ambiente escolar, em especial na questão de socialização;
- Valorizar o contacto com a Escola, procurando informar-se sobre as dificuldades do filho e sobre o seu desempenho e também participando em eventos que constem do **Plano de Actividades da Escola.**

Da Escola:

- Cumprir a proposta pedagógica apresentada aos pais, sendo coerente nos procedimentos e atitudes do dia-a-dia;
- Propiciar ao aluno liberdade para se manifestar na comunidade escolar, (fomentando organizações estudantis), de forma que seja considerado como elemento principal do processo educativo;
- Receber os pais com prazer, marcando reuniões periódicas, esclarecendo o desempenho do aluno e principalmente exercendo o papel de orientadora mediante as possíveis situações que possam vir a necessitar de ajuda;
- Abrir as portas da Escola para os Pais, fazendo com que eles se sintam à vontade para participar em actividades culturais ou desportivas, favorecendo a interacção escola-família.

Assim, e para terminar fica a seguinte nota:

Escola e família lutam pelo mesmo objectivo: o sucesso educativo dos jovens. É preciso, então, que sejam sempre aliadas, unindo os seus esforços.

A Direcção da Associação de Pais.



Royal Lankhorst Euronete



GROUP BV

10 de anos Teatro na Escola

Não é tarefa fácil resumir, em poucas linhas, dez anos de vida. Mais do que as dez Mostras de Teatro Escolar organizadas, as peças, as oficinas, os cursos e os trabalhos apresentados, foram os processos, as vivências e os amigos, que mais me marcaram.

Desde a discussão de uma ideia, de um texto, até à apresentação do produto final, somam-se as etapas de construção, as experiências, a testagem das soluções, o aperfeiçoamento do processo criativo que tem apenas como limite o tempo disponível até à estreia; é todo um quotidiano vivido nos bastidores, estranho e incompreensível para muitos, misterioso e mágico para nós que o vivemos.



En mesmo em "Marcado pelo Tipex"

Esta vivência é, em muitos aspectos, igual à de tantos outros grupos; discutimos, trabalhamos, rimo-nos, zangamo-nos, choramos, sentimos. Mas é também diferente.

Há, desde logo, uma maior responsabilização, individual e colectiva, porque trabalhamos na base de compromissos assumidos perante a escola, o Núcleo e nós próprios, e porque o resultado deste trabalho será objecto de escrutínio público; daí, que a solidariedade e

a colaboração entre todos seja fundamental e haja a consciência de que é do esforço de cada um que todos nós dependemos e a certeza que cada um de nós crescerá contando com a ajuda de todos.

É diferente porque não nos limitamos à passividade; pensar, actuar, criar, apaixonadamente, um universo perspectivado à nossa maneira, sem estarmos condicionados às opiniões dos outros.

É diferente porque nos ajuda a conhecer as nossas limitações e, quantas vezes, a superá-las; basta querer, basta trabalhar, basta acreditar em nós.

E, à medida que os anos vão passando, e o grupo se vai renovando, aproveitamos o último dia da Mostra para rever antigos companheiros, reviver caminhadas passadas e projectar novos futuros porque, nesse dia, eles aparecem não para ver mais uma peça de teatro; aparecem porque querem aparecer, porque já lá estiveram como actores e não como espectadores; aparecem porque se atreveram, porque fizeram e porque conseguiram.

Mais do que fazer bom teatro, quero fazer bons amigos e celebrar com eles a conquista de cada desafio a que nos propomos. Quanto mais exigente, tanto melhor; porque acredito que só com actores responsáveis podemos contribuir para que este mundo seja (um pouco) melhor.

Crepi il Lupo!

Jorge Curto (O Boss)

É difícil passar para escrito a experiência que tive nos Devisa, uma vez que os Devisa não se descrevem, sentem-se e era na roda onde se faziam as confissões.

Os Devisa foram/são (de uma forma mais ou menos presente) parte integrante da minha vida, uma família formada por estranhos que ficaram companheiros



Anabela Jacinto em "Justamente"

para sempre, como se de um só corpo se tratasse. Todos os seus membros são imprescindíveis.

Aprendemos valores, virtudes, vicissitudes, crescemos em conjunto, aprendemos a chegar mais longe, alcançar a linha tênue para além dos nossos tão subestimados limites, as formas mais recônditas e estranhas do nosso ser, invadimos a esfera do outro e vice-versa. Ninguém precisa de espaço, somos o espaço, seja no ginásio, na sala 21, em Portalegre, na Benedita, num palco de rua, somos Devisa onde tiver que ser. A teoria é a do "Veni, vidi, vici".

Foi aberto um mundo diferente à nossa volta, onde o cerne está nos pormenores, e o importante não é a chegada, é a viagem, certo Boss?

Guardarei para sempre todas as personagens que passaram nos palcos da minha vida.

Só sei que ansiava por sexta à noite todas as semanas e aqui me revelava como a mais ninguém.

Meus caros, nos Devisa, nem o céu é o limite.

Lembro-me, justamente, do 1º dia neste grupo e não visualizarei um último, espero que não chegue (perdoem os clichés, mas é mesmo assim).

Somos um símbolo de um barco distinto, aprendemos a teatrar (seja lá o que for) desde Óscar Wilde a Shakespeare, desde a voz e dicção à acção física e mental. "Mas porquê? Como?"

Allegria.. Como uma fúria de amar.. alegria!

Desafia-nos a ser Extraordinários, a Viver Intensamente e Sempre a Amar.

... Crepi il lupo!

Anabela Jacinto

A minha permanência nos Devisa foi curta comparada com muitas pessoas que cá andaram. No entanto, posso dizer que passei por momentos muito marcantes, e que acima de tudo aprendi bastante com eles. Conheci muitas pessoas, e fiz muitos amigos. Ri, chorei, e, se hoje me considero a pessoa que sou, deve-se, um pouco, a estes dois anos. Aprendi que apesar de sermos todos diferentes, com essas diferenças conseguimos ajudar, ultrapassar barreiras e demonstrar a toda a gente que somos capazes de sermos bons naquilo que fazemos.

Para muitos, somos apenas mais um grupo de teatro escolar, mas isso não é verdade. E penso que o conseguimos demonstrar em cada mostra de teatro escolar que é realizada. E isso deve-se ao Jorge Curto. Ele é mais que um professor, mais que um encenador: é nosso amigo, é meu amigo.

Em relação à minha experiência em palco, acho que se torna um pouco indescritível, visto que é algo tão pessoal que só quem passa por lá é que consegue perceber as emoções que cada um de nós tem naquele momento. É uma mistura de nervosismo, ansiedade, receio e ao mesmo tempo de euforia, de energia sentida. Tentar que aquele momento seja perfeito e que aquele público goste do papel que estamos ali a representar e faça com que aquele aplauso final seja mesmo merecido, e que haja vontade de chegar lá no dia seguinte e fazer melhor, melhor e melhor.

Este anos realiza-se a décima mostra de teatro e é com grande pena que digo que não faço parte deste novo elenco. No entanto, desejo a maior sorte a quem faz, que aproveite ao máximo cada dia de mostra porque são momentos únicos. Eu vou estar lá, na plateia, a torcer para que tudo corra bem, e não posso deixar de confessar com uma certa inveja saudável destes meus novos companheiros.

Ao Jorge Curto, tenho a dizer-lhe obrigada. Em primeiro, por me ter aceiteado lá, por me ter ensinado inúmeras coisas e por me ter ajudado a crescer e tornar-me naquilo que hoje sou. Porque, por mais que muitos pensem que naquelas horas de ensaio só se faz teatro, é mentira. Lá aprendemos diversas coisas. Aconselho a todos que querem experimentar e tenham receio de o fazer que se inscrevam. Vão ver que não se irão arrependem.



Ana Serra em "A Loja dos Suicídios"

Ana Serra

Após a recepção do e-mail do Boss, passaram-se alguns dias até que tive tempo para poder escrever algumas linhas.

Depois daqueles dois lindos anos nos Devisa, onde numa das fichas de inscrição escrevi "tiatro", bem posso dizer que foram dos melhores anos da minha vida.

Sei que não se deve dizer nunca mas, neste momento, não creio que me possa esquecer de todos os dias, meses, anos nos Devisa, de todas as pessoas que compartilharam o palco comigo nas duas peças em que entrei (Justamente e



Carlos Veiga em "Justamente"

Salomé), as pessoas que conheci tal como a Vanda, (aliás, mais alguém viu a Vanda?) que foi uma das pessoas que não ficou por motivos superiores, mas com quem eu teria adorador compartilhar o palco. Não me devo esquecer também daqueles que foram tentando mas não

aguentaram; bem, como o Boss diz, nós somos especiais.

Se alguém quer saber o que é um Devisa, bem, não fique na dúvida, pois, em caso de dúvida, é sempre bom perguntar ao Boss, porque ele sempre sabe como responder.

Bem, confesso que ao início não tinha bem noção do que ia relatar para todos aqueles que poderão ler o que escrevi, mas acho que todos se devem ter deparado com o mesmo que eu, pois, para descrever como é ser um Devisa ou como é estar em palco, não acho que seja completamente possível, desculpem se erro no que digo, mas há coisas que só no preciso e devido momento se sentem ou se conseguem sentir.

Bem, este foi o meu breve relato de como é ser um Devisa.

Com os melhores cumprimentos para o Boss,

Carlos Veiga

Os momentos que passei com os DEVISA são das melhores recordações que tenho do tempo do secundário... Desde as pessoas e amizades que fiz, às peças em que entrei. Tive oportunidade de fazer "Aqua" e "O Nosso Blog". Esta última é a que tenho mais lembranças porque a apresentamos na V Mostra de Teatro Escolar e, por isso mesmo, tivemos que a representar durante mais tempo.



Catarina Meireles em "O Nosso Blog"

Apesar de só ter feito parte deste grupo durante um ano, as lembranças são inúmeras. Antes das actuações, estava sempre presente o nervoso miudinho, a ansiedade, a adrenalina... Enquanto no palco, os nervos eram momentaneamente esquecidos.

Estar em cima do palco foi um dos privilégios que pude gozar, encarnar as personagens e vivê-las, poder ser outra pessoa por breves instantes. Tão especial como estar no palco, só os momentos antes das actuações...únicos,

excepcionais e nossos.

Em termos de esquecimentos, para mim nunca foi difícil decorar os textos, mas houve uma ocasião em que me escapou o texto da memória e na altura safei-me, porque tinha combinado com o Carlos a deixa se nos enganássemos... se calhar foi por isso mesmo que me enganei.

Também fizemos "O Nosso Blog" quando fomos a Portalegre e lembro-me que depois de ter feito uma personagem meia nojentinha, a seguir entrei no palco para fazer outra personagem e ouvi alguém do público dizer: Lá vem a nojentinha outra vez. Na altura, fiquei a saber muito bem o que pensar, até que o Jorge me disse: Mas não querias que a tua primeira personagem fosse nojentinha? Então, se conseguiste passar isso para o público, óptimo! Obrigada Jorge, pelas palavras sábias, pelas marteladas na cabeça e pelos ataques de fúria.

O companheirismo e o apoio de todos esteve sempre presente e tenho pena de não nos encontrarmos mais vezes, mas quando acaba o secundário a organização do tempo torna-se muito mais difícil. E, por isso mesmo, termino, deixando um abraço apertado a todos aqueles que estiveram comigo nesse ano e para os outros que conheci mas não tive o prazer de contracenar e, claro, ao Boss. A todos os que ainda virão...muita merda!

Catarina Meireles

Não consigo dormir.

Não consigo fazê-lo sem antes vos dizer aquilo que quero.

E quero.

"Devisa"...?! É um privilégio, um recanto para quem arrisca e se arrisca, para quem abraça um desafio e enfrenta novas experiências. Todas as amizades, as vivências, as incoerências, as zangas e os abraços sentidos, as férias sem férias, as viagens... são as recompensas dessa coragem!



Eduarda Cadevo em "Está aí alguém?"

Para mim, os "Devisa" são um clã, um grupo de pessoas diferentes que se descobrem e se refazem! Esses "Devisa", são gente que se dedica e trabalha! São uma equipa!

Houve tempo que se tivesse que saltar sem rede só o faria com os que eram, que foram e que serão sempre os "meus Devisa"! "Devisa" são recordações, bons momentos, sorrisos e sonhos.

Descobri o palco pelas mãos dos "Devisa", pude ser: poeta, lixeiro, palhaço, senhora africana, deusa, aranha, professora louca, pintora, empregada.... e tantos outros mais! E todos eles me acompanham! Amo o teatro, sei sentir teatro e devo-o aos "Devisa", ao Jorge!

Não podemos falar de "Devisa", sem falar em Jorge! Devem estar a pensar, mas quem é esse????! Ó pá... é aquele que nos faz ir mais longe, que nos põe a pensar, que nos permite ir onde as nossas pernas não vão e descobrir mais um pouquinho de nós mesmos! É um gajo admirável, de quem tenho orgulho e respeito com todo o meu ser!

DEVISA... demasiadamente humano!
Irremediavelmente em mim!

Obrigada.

Eduarda Cadevo

Existem duas palavras apenas para definir este tão louvado grupo os "Devisa", e são elas família e amor.

Família porque somos tratados como igual, porque se um de nós tiver um problema todos sentem isso, porque nos apoiamos mutuamente e suportamos as dores uns dos outros. Quando estamos sós e com medo ou receio de algo que ainda está para vir, há sempre alguém pronto a nos dar a mão, a limpar as lágrimas e nos levantar do chão. Somos como uma família que partilha segredos, angústias e alegrias, se um cai, cáímos todos, porque somos um grupo, uma família, e isso não existe isoladamente. A verdadeira alma do teatro reside na confiança que depositamos naqueles que nos rodeiam.

Amor pelo teatro, pela arte de representar, pela sensação avassaladora que é partilhar um palco



Joana Silva em "Justamente" (com Raquel Eiras, ao centro, Crestina Martins à direita e a Crensa no chão)

com pessoas nas quais confiamos plenamente. É isso que nos une, a paixão pelo teatro. Entrei neste grupo à procura de uma nova experiência e encontrei muito mais do que isso, encontrei um caminho, uma nova perspectiva da vida. Aprendi aqui os valores que ainda hoje guardo, isto é mais do que apenas representação. Uma vida na qual não havia ainda um sentido, encontrou um apoio, um caminho a seguir, uma nova família, um novo mundo, um novo olhar perante os outros e perante nós mesmos.

Quero aproveitar esta oportunidade para agradecer a todos que estiveram comigo nesta jornada, aos Devisa, as pessoas maravilhosas que conhecemos em todos os locais onde fomos, a todos os que nos ajudaram e, claro, ao Boss (Jorge Curto), que sem ele nada disto era possível. Obrigado a todos por tudo o que fizeram por mim e por me ajudarem a tornar-me na pessoa que sou hoje.

É meus amigos não se esqueçam: O nosso chão é o palco, por isso vamos dar ao público o melhor espectáculo de todos! It's Show Time!

E para a vida vos digo: in bocca al lupo!

Joana Silva

Foi com este grupo que, no meu 8º ano, entrei em contacto privilegiado, pela 1ª vez com uma arte tão rica e viciante como o Teatro. Andava eu a espremer borbulhas quando me caíram em cima os tolos em quem agora confio a cabeça.

Lembro-me de nos primeiros ensaios ter



José Torres em trabalho final do Curso de Iniciação ao Teatro, Julho 2007

bastante medo de falar, pois poderia dizer algo que irritasse a figura monstruosa que era o "Boss". Mas começou a ser natural e a ser bom, falar e participar em tudo com todos.

Ao 5º ensaio, já me considerava um viciado. Os papás já resmungavam por desligar da escola para poder dar uma atenção de 100%

aos Devisa.

Os ensaios corriam e Abril chegou. Tive o maior prazer da minha vida até aquela altura. Pude participar, não em palco mas como sonoplasta, com a "Just", na 7ª Mostra de Teatro Escolar da Póvoa de Varzim, ao lado daqueles que me mostraram este mundo. É engraçado pensar agora, 3 anos depois, em toda a merda que aconteceu naquele espectáculo. Dá vontade de rir. Na altura, não teve piada nenhuma.

E foi assim que me estreei "em palco".

Seguiram-se, com o mesmo espectáculo, uma outra Mostra de Teatro Escolar na Benedita e ainda uma apresentação exclusiva aos integrantes da escola no seu aniversário.

A droga continua a fazer efeito, já passei por outras peças e ainda hei-de passar por mais.

Penso que este efeito vai durar e que nunca mais vai acabar. Cenografia é o futuro!

José Torres

São muitas as vivências que tive nos três anos dos Devisa. O que guardo na memória são os primeiros tempos, o convite estranho para ir ao primeiro Workshop de teatro, fazer tudo o que nunca me tinha passado pela cabeça fazer, aquele ginásio onde fui cascado vezes se conta, onde errei e aprendi, onde dei as melhores gargalhadas da minha existência, onde nunca chorei e não sei se será bom ou mau, onde amei esta família que me fez pertencer...

Várias foram as noites que, depois de um ensaio de sexta-feira, acabávamos sem surpresa no "Vela"... Restaurante que esteve intimamente ligado aos Devisa e onde se brindou a Mostras, ao Teatro e a nós.

Era bom quando fazíamos corridinhos sem interrupções, corrigíamos erros e jogávamos para a primeira Liga... quando o boss se passava e se virava do avesso para nos fazer "reset" e levar a peça a bom porto, mas era muito mau quando se calava e só reagia com silêncio ensurdecedor.

Luís Águas em "A Loja dos Suicídios"

Era muito bom chegar ao dia da estreia e ver o backstage e os projectores a serem preparados, o cheiro do pano e o calor das luzes a serem testadas, o som abafado dos passos do pessoal no palco... a música de entrada que nos punha num estado "nirvana" por alguns momentos... e nos últimos minutos antes da actuação, com os nossos uníssonos: "onde é que está o Porto carago". Nesse momento, tudo vinha ao de cima, sorriamos, desabafávamos, chorávamos mas o Boss dizia isto, mais coisa menos coisa: "guardem a choradeira para depois, agora concentrem-se, pica e sentimento na actuação, "it's show time"... "Queimem o lobo pessoal".

Outra sensação boa foi actuar no Festteatro de Benedita com a peça "Justamente" para 500 pessoas, embora não tivesse essa noção, a casa desabitada, fria e sem água quente onde eu, o

Carlos e o Zé ficamos duas noites, enquanto que o resto do pessoal foi muito bem acolhido pelos nossos anfitriões nas suas respectivas casas, o medo do Zé de ficar sozinho num quarto porque ouviu uma coruja à noite, às 3 da manhã, enfim...!

Quando pensava que a VII Mostra era a última, eis que dois anos depois voltei para a IX... Foi demasiado bom voltar tudo a acontecer mais uma vez.

"Loja dos Suicídios" foi uma lufada de ar fresco. Ensaivámos nos contentores da escola em obras, num espaço reduzido mas que, de alguma forma, dava um ambiente e imagem mais aproximada de uma loja obscura...

Sem darmos por isso, a Mostra chegou ao fim. Quatro dias que gostávamos de estender por mais uma semana... Era como se tivéssemos sonhado, a sensação era tão igual, ou numa linguagem mais familiar do nosso Patriarca dos Devisa, foi como um orgasmo, curto e intenso tão completamente fora do real, que este chegava a ser estranho nos primeiros tempos.

Os Devisa estarão sempre nas páginas dos melhores momentos do meu crescimento enquanto ser humano e, quem sabe, se não estarei de novo às sextas, à noite, a fazer teatro.

Obrigado Devisas.

In bocca al Lupo

Luís Águas

Eu adoro estar em palco. Adoro os aplausos no fim, adoro ser ofuscada e aquecida pelos holofotes coloridos com filtros. Até gosto da sensação de olhar para a plateia e não distinguir nada, ninguém conhecido, só vultos, expectativa, calor e muito espírito crítico. Será que acontece com todos? Esta cegueira filtrada para tudo o que está para lá da boca de cena que dura até o espectáculo terminar e todas as luzes se ligarem e aí sim, distinguir tudo, procurar na audiência reacções... Sinceramente não é só o meu sentido da visão que fica distorcido. A representar, a dançar ou só a falar para um público, é como se não estivesse em mim. Não vejo, ouço só a música que acompanha a actuação ou as falas de quem comigo contracena. Uma vez esqueci completamente a dor enquanto dançava um bailado inteiro apesar de ter caído no ensaio geral e estar com uma ferida feia. Estar em palco é tão bom que sabe sempre a pouco. No fim da peça, dá vontade de repetir tudo, especialmente porque passa demasiado rápido, porque ficamos semanas ou meses a aperfeiçoar aqueles gestos e palavras e porque, geralmente, há poucas apresentações do mesmo espectáculo.

Claro que a actuação em si é o auge do trabalho do actor mas representa uma parte ínfima do tempo dedicado a um projecto. Por isto mesmo é que no teatro se aprende acima de tudo o que é a dedicação e o sacrifício tanto como a projectar a voz e a controlar cada músculo para que a expressão corporal seja perfeita. É como se novos sentidos se criassem e apurassem em nós. Depois, ficam tantas histórias para recordar e contar mais tarde a quem as quiser ouvir! Eu nunca me esqueço das personagens que interpretei e assim tive oportunidade de experimentar vários pontos de vista e viver muitas vidas numa só. Sempre que olho para a Lua, lembro-me das falas da Pajem de Herodíade da peça "Salomé". Fiquei com o

hábito de olhar para a Lua por causa disso...

Infelizmente a vida é curta, passa demasiado depressa e eu tenho o defeito ou virtude de gostar de experimentar tudo, querer participar em muitos projectos. O ideal seria poder estar em muitos sítios ao mesmo tempo mas não posso. De repente até parece que me perdi na sequência lógica do texto. Isto sou eu a tentar justificar a minha rápida passagem oficial pelos Devisa, quando, afinal, tinha vontade de ter-lhes feito companhia durante muitos e bons anos. Gosto de pensar que por ter estado mais vezes do lado confortável da plateia do que no palco, pertenço a um grupo de pessoas que poderiam formar o clube "Amigos dos Devisa". Neste clube, incluem-se pais, irmãos, amigos, frequentadores assíduos das mostras de teatro, funcionários da Escola Secundária Rocha Peixoto (que foi desde sempre o ninho que nos viu nascer, abrir as asas e voar), pessoas que de alguma forma mudaram as suas vidas, fizeram sacrifícios ou sentiram-se tocadas pelas nossas iniciativas.

Quanto à minha experiência em particular, conheci os Devisa em 2004 ao ver uma peça que me marcou para sempre, ainda me lembro de algumas deixas. Na altura, para mim, aquele era o melhor grupo de teatro amador que alguma vez existira. Continua a ser. Desde então, fui a todas as mostras de teatro escolar e, um dos aspectos que mais me agradava, era ver amigos os meus a representar com tanta qualidade, a revelarem talentos para mim desconhecidos. Foi com muito orgulho e a sentir a obrigação de continuar o bom trabalho dos meus antepassados Devisa que no meu último ano na escola secundária me juntei ao grupo. Aprendi imenso, muito para além de técnicas teatrais, claro. Se eu quisesse passar para o papel tudo o que ganhei por ter estado nos Devisa ficaria aqui a noite inteira e, mesmo



Margarida Freitas em "Salomé"

assim, o mais provável é que não conseguisse exprimi-lo. É uma vivência, uma aprendizagem que cada um faz ao seu ritmo e leva para a vida. Para mim, ajudou-me a decidir que mesmo que não siga uma carreira nas artes performativas, vou tentar sempre conciliar essa paixão com o meu percurso profissional. Se algum dia sentirem que gostariam de experimentar o que é o teatro, melhorar a vossa expressão oral, capacidade interpretativa, não hesitem. Convençam-se de que nunca é tarde nem sequer demasiado cedo (isto a propósito das idades cada vez mais jovens dos novos talentos Devisa) e só ganharão com isso. Agora vou ser extremamente previsível e dizer mais uma vez,

In bocca al lupo, crepi il lupo!

Margarida Mota Freitas

Vezeis sem conta apaguei e reescrevi este documento e nunca consegui terminar um texto que se adequasse ao que passei neste grupo, neste palco, neste local. Muitos conheceram, conhecem e recordarão os Devisa como sendo um dos melhores grupos de teatro escolar do país – e digo isto com toda esta convicção porque aqui não há lugar para modéstia – mas a visualização de uma série de peças de teatro não conseguem transmitir um terço do que tudo isto significa.

Devisa? Não, não é simplesmente um grupo de teatro, nunca foi! Para mim, foram cinco anos preciosos, assim com para tantos outros! Os anos que em mais crescemos, mais aprendemos, mais evoluímos em todos os sentidos. Foi onde construí aquilo a que



Nádia Ribeiro em "A Loja dos Suicídios"

chamam de personalidade, onde conheci pessoas que se tornaram mais do que amigas – uma família.

O sangue, suor e lágrimas que demos todas as semanas, as desilusões, as perdas, ... tudo é recompensado no momento em que pisamos aquele palco e sentimos que fazemos o que amamos e amamos o que fazemos.

Hoje, na Covilhã, sinto mais a falta daquelas sextas-feiras do que de qualquer outra coisa. E imaginar que me tornei na espectadora, portadora dos aplausos, suscita-me uma curiosidade tremenda!

Um dia alguém me disse que não me podia contentar com a mediocridade, que não me bastava ser boa, tinha que ser extraordinária. Agora entendo o que isso significa e agradeço-te, Jorge, todos os sermões, tudo o que me ensinaste. A todos os que passaram pela Família Devisa um MUITO OBRIGADO por existirem.

Por isso, a todos que lerem este pequeno texto, digo apenas que foi um PRAZER fazer parte dos Devisa e participar em três Mostras de Teatro Escolar

E aos Devisas, deste e dos próximos anos, não posso deixar de dizer que aproveitem ao máximo a magia de pisar o palco, porque um dia tudo vai terminar e só a saudade irá permanecer. O testemunho de dez gerações foi-vos passado: agarrem-no com as duas mãos e apaixonem-se cada dia mais pela personagem.

Conto saudosamente os dias para a Mostra...

E recordando "Peça com repetições" e William Shakespeare: O Mundo é um palco! Nós somos simples actores, o Mundo é um palco!

In bocca al lupo,

Nádia Ribeiro

Os Devisa mudaram a minha vida. Hey, PUMBA! Que grande chavão! Mas até é verdade... e há poucos devisas que possam dizer que passar pelo bolorento ginásio 2 da Rocha Peixoto foi tão significativo como para mim. E é claro que não me estou a superlativar, mas eu, de facto, MUDEI A MINHA VIDA TODA depois de conhecer "o senhor com os olhos mais brilhantes do Mundo" (que poderia ser sinal de um problema mental ou até mesmo de

uns copos de Porto a mais, mas nós sabemos que não... ahaha).

Entre para os Devisa no meu 11º ano de escolaridade com a certeza absoluta de que se adivinhava para mim um futuro brilhante no jornalismo, futuro esse a que eu aspirava há muitos anos, e hoje, seis anos depois de ter deixado o grupo, vejo-me com uma Licenciatura em Interpretação e a tirar um Mestrado em Encenação.

Lembro-me do exacto momento em que decidi que ia deitar fora todos os meus planos... foi em 2004 no primeiro dia da Mostra. Estávamos na montagem da "Deus" do Woody Allen e eu estava na régie com a Daniela Arnaut (eu operava som e ela luz), e, no meio de toda a



Rita Nova em "Marcado pelo Tipex"

fumava e dizia piadas, os meus colegas que passavam nervosos com a estreia carregando tralhas ou levantando problemas idiotas e de fácil resolução (mas que num dia de estreia são sempre terríveis) e eu ali sentada, absorta. Até que a Daniela me deu um cachoço e perguntou se eu estava bem (os putos fazem isto, batem primeiro e depois perguntam se a pessoa está bem) e eu respondi: "Dany, eu acho que quero isto para o resto da minha vida. Não sei ao certo o quê, mas eu acho que quero o teatro para sempre na minha vida".

E pronto... Bem sei que parece uma história um pouco romântica, mas é a verdade, não há nada de inventado... Mal sabia eu que naquele dia estava a assinar a desgraça que viria a ser a minha vida dali em diante! Trabalho umas 18 horas por dia na faculdade desde que entrei, já fiz trabalhos como actriz, figurinista, cenógrafa, operadora e designer de luz e de som, encenadora, directora de actores; já tirei dois cursos de teatro universitário, uma Licenciatura, diversos workshops, estou a tirar o Mestrado e sei que não paro por aqui. E sei que terei uma vida miserável como qualquer artista em Portugal. E sei que serei feliz. Sou feliz. E devo-o muito ao "senhor com os olhos mais brilhantes do Mundo" que, num dia de Setembro em que casualmente me sentei na sala de convívio da Rocha Peixoto, me obrigou a assinar aquela bendita ficha de inscrição fazendo-me prescindir de todas as festas que tinha às sextas à noite até ao final do meu secundário.

Portanto, para além de pais, amigos, colegas, professores, e a todos aqueles que vamos agradecendo apoio durante toda a nossa vida, eu quero agradecer-te a ti, Jorge Curto, "senhor com os olhos mais brilhantes do Mundo", por um dia teres visto em mim mais do que eu via, por teres exigido que eu fosse mais do que pensava que podia, por teres acreditado mais do que alguém acreditaria. Quero agradecer-te a fascinante viagem que se tornou a minha vida no dia em que te conheci.

Agora que fazemos 10 anos eu digo a todos, e em português (ou não era eu uma apaixonada

pela minha língua que queria ser jornalista):
NA BOCA DO LOBO QUEIEM O LOBO!

Eu estive nos Devisa. E os Devisa estão em mim.
Rita Nova

Por incrível que pareça, estou escrevendo no dia que faz 7 anos da minha estreia em palco com os DEvisa.

Grandes momentos foram vividos durante a minha estadia nos Devisa, lágrimas, sorrisos, gargalhadas, medo, pânico, nervosismo... um misto de sensações que não é possível de descrever.

Foi nos Devisa que foi plantado o "famoso" bichinho do teatro em mim. E diga-se de passagem que ele é muito bom! Mesmo viciante.

Durante os meus três anos nos DEvisa, aprendi que o teatro não é apenas os actores que estão em palco, mas sim toda uma equipe por trás, desde os da Luminotecnia, Sonoplastia, aos que ajudam na escolha dos adereços e figurinos, contra regra e apoio.

Foi onde aprendi também que não existem grandes e pequenos papéis, e sim pequenos e grandes actores.

Nunca mais me esquecerei da minha "Apresentadora", que deu tamanha felicidade interpretá-la. Os ensaios eram fantásticos, divertia-me imenso! E sem falar no grande



Zita Corrêa em "Names"

desafio de não falar tão "abrasileirado"! Dizer o distinguir em vez de distinguir foi difícil e levei muito nas orelhas, não foi Boss?

O que mais me marcou foi quando o Boss teve a feliz ideia de me dar um papel de gato... ai!

Como sofri, odiava ser o gato, cada ensaio era uma tortura para mim! Até que no dia da estreia o Boss, ao me maquiarem, me disse: Goza, Brinca, se diverte é para isso que serve o palco... Mas ainda relutante, faltava minutos para começar, a Eduarda me diz que se eu não quisesse entrar, para tirar a roupa que ela ia no meu lugar... sobe no palco... aproveita e diverte-te.

Aquelas palavras entraram de tal modo na minha cabeça que, quando a música da minha entrada começou, o coração bateu mais forte, fui contagiada por tamanha emoção... que virei uma GATA mesmo! Dancei, saltei como um gato... Deu-me muito gosto fazê-lo! Amei! Surpreendi a todos e a mim própria! O Boss no fim disse-me que sabia que seria assim e que confiava em mim. Foi fantástico!

No meu último ano, fui apelidada pelo Boss de "Cota"... por ser a mais velha do grupo... tadinha de mim !!!

E foi na última peça pelos DEvisa, que mais brinquei, improvisei... cada espectáculo havia algo novo... acho que foi uma bela despedida.

E foi assim,

Três anos óptimos, com fantásticos momentos que ficarão para sempre na minha memória.

Um obrigado ao Boss e a todos aqueles que proporcionaram e participaram directa ou indirectamente de todos esses momentos.

Um beijo bem grande da Brasileira...

Zita Corrêa



apcer

Confiança é a base do futuro.

A APCER, entidade líder de mercado na Certificação em Portugal e a representante na IQNet - *The International Certification Network*, disponibiliza as melhores soluções no mercado da Certificação.

Desenvolve serviços inovadores para responder às necessidades e exigências dos nossos principais parceiros: os nossos Clientes.

Certifique-se que o êxito do seu negócio é sustentado por uma parceria credível, eficaz e experiente.

Certifique-se com a APCER.

 apcer

A Marca da Certificação

APCER member of
- IQNet -

qualquer plano militar pré-estabelecido, com a revolta de 31 de Janeiro de 1891. Esta falta de entendimento entre os ideólogos republicanos e militares conduz ao fracasso a bem intencionada insurreição.

Apesar do insucesso republicano, a vontade de derrubar um regime com grande défice democrático mantém-se. O poveiro Rocha Peixoto teve um papel

Centenário da Implantação da República

A Republicana Portuguesa foi proclamada a 10 de Outubro de 1910. Preparada por um grupo de oficiais, sargentos e civis, organizados em torno da Carbonária, eclodiu na noite de 4 de Outubro.

A revolução republicana resulta de um mau estar que já se vinha a arrastar há muito tempo. Já a geração de 70, constituída sobretudo por jovens universitários contagiados pelas ideias positivistas que se espalhavam por toda a Europa, se revela contra um regime monárquico, que sofria de algum despotismo e se revelava pouco democrático.

O sistema político monárquico estava, nos finais do século XIX, era muito contestado. Civis e militares organizavam-se, secretamente, para derrubar o regime. Os intelectuais do reino alimentavam o descontentamento de uma população cansada de ser maltratada. A nossa humilhação, com o Ultimato, por aqueles que se apresentavam como nossos aliados de longa data fez surgir um sentimento patriótico muito forte, que contrasta com a resposta tardia dos nossos governantes. Como escrevia Eça de Queirós ao seu amigo Oliveira Martins, os jornais manifestam vontade de não receber mais periódicos ingleses, os professores não querem ensinar a disciplina de Inglês, os empresários não querem ingleses a frequentar os seus teatros, os proprietários de hotéis não querem ingleses alojados nos seus quartos.

Em 1880, as comemorações do tricentenário da morte de Camões foram aproveitadas p

O Ultimato Inglês, 1890, veio servir, na perfeição, para a propaganda dos republicanos. O apelo à insurreição encontrou terreno fértil para se implantar. Os intelectuais afectos aos ideais republicanos pregavam a coragem e o orgulho nacional. A insurreição militar poderia acontecer a qualquer momento. A cidade do Porto destaca-se na liderança deste movimento de contestação. Vários intelectuais e políticos, mesmo da capital, deslocam-se à cidade invicta para conspirar. Mas a falta de entendimento entre eles, leva que um punhado de militares, sobretudo sargentos e praças, avance, sem

muito importante na manutenção da chama dos novos ideais políticos.

No dia 5 de Outubro de 1910, é proclamada a República.

A nova ordem política corresponde, também, ao aparecimento de um conjunto de leis inovadoras como: Lei da separação da Igreja e do Estado; Proibição do ensino religioso nas escolas; Expulsão das ordens religiosas e nacionalização dos seus bens; Introdução do divórcio; Liberdade e igualdade na sociedade conjugal; Escolaridade obrigatória até aos 10 anos; Direito à greve e Substituição do real pelo escudo.



Primeira mulher que exerceu o seu voto em 1911

A República permitiu que a mulher adquirisse o direito de trabalhar na função pública e pudesse votar. A primeira mulher a votar na Península Ibérica foi a

médica portuguesa Carolina Beatriz Ângelo. Invocando a sua qualidade de chefe de família, uma vez que era viúva, e de mãe, Carolina conseguiu votar nas eleições constituintes de 28 de Maio de 1911. A lei que permitiu que esta mulher cumprisse o seu dever cívico foi, posteriormente, alterada passando a reconhecer apenas ao homem o direito de votar.

Com Decreto de 3 de Novembro de 1910, Lei do Divórcio, a mulher vê valorizado o seu papel na sociedade, porque o divórcio é admitido pela primeira vez em Portugal e é dado ao marido e à mulher o mesmo tratamento, tanto em relação aos motivos da separação como aos direitos sobre os filhos. Também o crime de adultério passa a ter o mesmo tratamento quando cometido por mulheres ou homens.

A par da valorização da mulher, a implantação da República deu um grande impulso à instrução pública. Quando a República foi implantada em 1910, a população portuguesa atingia seis milhões de habitantes, na sua maioria vivendo no campo. 60% da população activa, ou até um pouco mais, era predominantemente rural; 20% trabalhava na indústria, sobretudo têxtil, e apenas 13% no sector terciário. A percentagem de analfabetos atingia 75%.

A instrução pública já fazia parte das preocupações do regime monárquico. Mas, apesar da Reforma de 1905, de Eduardo José Coelho, pouco ou nada se alterou. O grande impulso foi dado pelos republicanos que acreditavam na instrução pública e na educação como factores decisivos de desenvolvimento. “Uma instrução segura e experimental” daria ao homem a firmeza do seu desenvolvimento.

Se alguns dos diplomas produzidos pelos republicanos vieram dar um novo vigor ao sistema social português, também é verdade que outros foram causa de mal-estar e mesmo de confrontos.

A expulsão das ordens religiosas trouxe grandes prejuízos para algumas comunidades e gerou algumas injustiças. E se não eram expulsas do país, eram obrigadas a passar a viver vida secular. Afinal, a liberdade, defendida pelos republicanos, tinha um valor muito restrito. Se é verdade que os jesuítas exerciam uma grande influência no nosso país, isso não era razão para se afastarem todas as outras ordens religiosas das funções sócias que muitas delas exerciam.

Na Póvoa de Varzim, a aversão às “vestes talares” ou a quem alguma vez as tivesse usado, levou à expulsão dos padres jesuítas e ao afastamento das irmãs hospitalares das suas funções no hospital.

A mesa administrativa da Santa Casa reúne, extraordinariamente, em 22 de Dezembro de 1911 para responder a notificação do administrador do concelho sobre a admissão duma gerente do hospital. “Necessitando esta casa de uma pessoa que tomasse a seu cargo a direcção interna do hospital, admitira, de acordo com a mesa, uma mulher que à última hora dizem ter pertencido a uma ordem religiosa. Apesar de se reconhecer do préstimo, actividade, zelo e economia



Misericórdia no início do Séc. XX

por esta casa com a presença desta gerente, reconhece que esta não pode continuar aqui estar em face das leis ultimamente decretadas”. A mesa despediu-a. “Neste mesmo acto foi chamada e despedida imediatamente”. (Livro de Actas da Santa Casa nº 11). Em reunião do dia 28 do mesmo mês, a mesa reconhece que é “de extrema necessidade pedir-se a competente autorização superior para a admissão ao serviço interno do hospital até três irmãs hospitalares não só por o hospital estar actualmente sem enfermeiro, por este ter pedido a sua demissão, mas também por julgar ser este pessoal o único mais competente para o serviço de enfermagem e administração destas casas de caridade, pelo zelo, exemplo, economia e competência prática que têm e ainda porque além de pouco e talvez nenhum ordenado vencerem são dum desinteresse inaudito e dum comprovado comportamento. Como a mesa já tem conhecimento o pessoal secular que durante onze meses tem estado ao serviço do hospital tem feito um serviço pouco correcto e até mesmo prejudicial para esta casa não só pela sua pouca competência como também na pouca economia, causas estas que deram lugar há pouco tempo da despedida do cozinheiro.” (Livro de Actas da Santa Casa nº 11)

A República impulsionou a democracia e a instrução pública, mas provocou grandes perdas, quer na qualidade dos serviços, quer no esbanjamento do dinheiro público, como aconteceu com a Santa Casa da Póvoa de Varzim.

JP

ESCOLA DE CONDUÇÃO

FASA
R. da Alegria, 136
Tel. 252 644 554
Vila do Conde

ALA ARRIBA
Av. Mouzinho Albuquerque, 149
Tel. 252 615 416
Póvoa de Varzim

LUGOS DO MAR
R. Sacra Família, 602
Tel. 252 681 981
Mariadeira - P.V.

961 942 320
alaarriba@sapo.pt

Escola

A sociedade actual é fria, calculista e muito materialista. Tornou-se tão despida de valores humanistas que apenas reconhece capacidades superiores àqueles que sobem os degraus do poder económico, ou político, mesmo que para isso tenham de espezinhar tantos inocentes que anonimamente vão preparando a escadaria da sua ascensão de uma forma rápida.

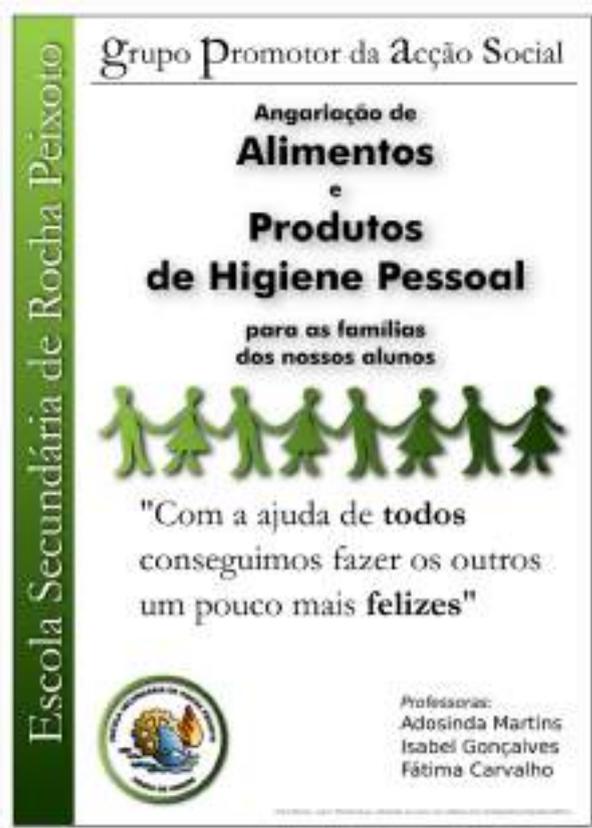
Apresentar lucros extraordinários, mesmo que fictícios, é o supremo prazer de quem subiu vertiginosamente na admiração pública. Nunca abedecam de principescos vencimentos. Destroem a economia de um país, impávidos e serenos, e, depois, aparecem como os únicos capazes de salvar o povo da bancarrota.

Embebecidos com estes prodígios estão os responsáveis políticos. Tão embebecidos que os distinguem com honrarias e apresentam-nos como modelos a seguir. Contudo, todo este brilhantismo é ilusório. A realidade tem, nos últimos anos, desmascarado estes novos ídolos com pés de barro. O mundo entrou em crise por se curvar a estes imberbes senhores manipuladores da riqueza produzida por ingénios e anónimos cidadãos.

Mesmo assim, os políticos, presos por estranho encantamento, continuam a venerar criaturas tão supérfulas e enganadoras. Por isso, querem criar criaturas semelhantes, exigindo, às escolas que que se preocupem

em ensinar a alcançar o sucesso e a fama e não em educar.

Reconhecer o valor de um estabelecimento de ensino



pelos números alcançados em areópagos pouco sociais e esquecer o crescimento da pessoa é muito redutor e



Social



criador de uma sociedade desumanizada, egoísta, e nada solidária.

A nossa Escola, bebendo, ainda, os seus valores na tradição humanista, sentir-se-ia diminuída se não olhasse para os seus alunos e, na sua missão de formar, não se preocupasse com o seu crescimento integral.

Assim, quando o país padece de uma pandemia alargada de desemprego, quando o país vê muitos dos seus cidadãos ficarem sem comer porque não têm emprego, ou, se o tem, muitas vezes não vêem o ordenado a que têm direito, é gratificante ver-se tanto jovem e adulto desta escola tentando minorar o sofrimento alheio procurando adquirir os bens essenciais para aqueles que precisam poderem sobreviver. Esta onda de solidariedade não deixa ninguém indiferente. Pais, professores, funcionários e alunos conjugam esforços para proporcionar dias menos penosos aqueles a quem o infortúnio bateu à porta. E tudo isto sem que a “mão esquerda saiba o que fez a mão direita”.

A colaboração da Associação de Pais com a Escola tem dado frutos extraordinários no campo da solidariedade. A criação do GAS (Gabinete de Apoio Social) veio reduzir os efeitos degradantes que a crise económica veio trazer a muitas famílias portuguesas. O apoio discreto dado a algumas famílias que atravessam um mau momento tem sido fundamental para que muitos jovens não vejam os seus sonhos

prematuramente acabados.

A sociedade hodierna desprezou valores e princípios que sempre norteou o Homem. Converteu-se, entusiasticamente, ao materialismo e ao superfluo.

A Escola Rocha Peixoto está atenta ao evoluir da sociedade, mas não abandona o que de bom os nossos avoengos nos deixaram.

A Escola, sem descuidar as aprendizagens formais necessárias, enriquece os seus frequentadores com valores que muito ajudaram a nossa sociedade a ser mais humana e mais justa.

JP



Tavares

1922

ourivesaria

Póvoa de Varzim
um valor eterno





Orlando Lino

Médico Dentista

Olá! Eu sou o Orlando, sou médico dentista e estudei na vossa escola! Pediram-me que escrevesse umas palavrinhas que vos servissem de inspiração. Na verdade, não sei se o conseguirei, mas prometo que vou tentar.

Acabei recentemente o curso de medicina dentária e ainda antes de terminar o curso tinha já recebido uma proposta para ficar responsável pelos serviços de medicina dentária na Clínica Santo André em Aguçadoura e decidi arriscar. Além disso, nos

últimos dias de aulas do meu 6º ano fui convidado pelo regente de uma disciplina (prótese fixa) para continuar lá como assistente. Aceitei, claro e apesar de o início ser complicado, primeiro porque me sentia mais aluno que professor, e porque ainda fui professor de alguns colegas meus de anos anteriores. É uma experiência muito boa e tenho aprendido cada vez mais. Além disto, decidi continuar a estudar, agora uma especialidade de medicina dentária, a ortodontia, e sou neste momento aluno da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. Estudar

também é um vício, e aquela ânsia de continuar a aprender ainda me domina. De resto, propostas de trabalho não têm faltado, mas até aqui é necessário critério para escolher. São meus projectos a curto prazo integrar uma equipa de um hospital privado que vai abrir em breve, e a criação de uma sociedade para prestação de cuidados de saúde. O médico dentista em Portugal é também um empresário!

Quando entrei para a Rocha Peixoto, em 1999 (nem sequer foi assim há tanto tempo), esta escola tinha a reputação de ter um ensino rígido, professores ríspidos, e os funcionários sempre ansiosos por apanhar alguém a fumar sem ser autorizado ou a namorar às escondidas. Os professores da velha guarda recusavam-se a dar boas notas, o que podia ser um pouco frustrante para quem aspirava sempre ao máximo. Mas então era tudo mau? Não, aliás muito pelo contrário. O ensino secundário preparanos, ou devia preparar, para o ensino superior e o grau de exigência desta escola moldou de certa forma, a maneira de encarar a faculdade. Foi nesta escola que me fui tornando cada vez mais exigente comigo próprio, procurando sempre ir mais longe. Foi só depois de ter entrado no ensino superior que me apercebi da importância da minha escola secundária. De repente estava a estudar na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto (uma vez que somos médicos os 3 primeiros anos do nosso curso eram lá, agora isso mudou recentemente), que acho que posso dizer que era e é a faculdade em que ano após ano entram os melhores alunos do país. Aí sim, percebi que estava preparado. A minha escola preparou-me.

Mas acima de tudo o que eu nunca vou esquecer, são os amigos que fiz nesta escola, onde passei três anos espantosos. Nunca esquecerei o meu companheiro de carteira durante este tempo, o Nelson Carvalho, hoje Engenheiro Civil, ou o Hélder hoje a estudar medicina na República Checa, ou o João Pedro, o Paulo, o Fred e tantos outros... o pedacinho de potássio “roubado” nas aulas de técnicas de química, secretárias a arder nas aulas de técnicas de biologia por causa das lamparinas de álcool... ou até um protozoário que vimos ao microscópio e que, por ninguém conhecer baptizamos de “Mário Jardim”. Dos professores tenho também boas recordações. Muito do que aprendi devo-o a eles. Recordo sobretudo, a minha

directora de turma Violeta Carneiro, professora de Química, uma professora fantástica. Já não lecciona, mas ficou certamente no coração dos seus alunos.

Talvez as coisas tenham mudado, ou talvez não... Tive a oportunidade de visitar a escola recentemente e tudo está mudado. Os laboratórios, as salas de aulas, as oficinas, o bar... enfim tudo está renovado, e está óptimo. Até já nem é preciso fazer desinfestação contra o bicho da madeira nas férias da Páscoa. Agora a sério, a escola merece os parabéns pela reforma que foi capaz de efectuar, e pela capacidade que teve de se actualizar e projectar o futuro. As actividades extra-curriculares aumentaram imenso, e a escola vive para os seus alunos. Apenas uma coisa não mudou, o espírito de quem lá estuda e ensina. A vontade de vencer que é inculcada aos alunos desde que cruzam pela primeira vez os portões.

Deixo-vos apenas umas palavrinhas. Nunca deixeis de sonhar pois o sonho, como dizia o nosso poeta António Gedeão, é quem comanda a vida. Sem sonhos, aspirações, a vida fica vazia, sem sentido. Nada, absolutamente nada, nos deve impedir de concretizar os nossos sonhos. E acima de tudo, pior que não conseguir, é nunca tentar concretizá-los, baixar os braços na primeira dificuldade. Só aqueles que se atrevem a tentar, conseguem! Isto dá trabalho? Claro que sim. Por vezes parece impossível? Também a batalha de Aljubarrota ou o caminho para a Índia, mas nem Nuno Álvares Pereira nem Vasco da Gama desistiram. E tendo como inspirador o nosso patrono António Augusto César Octaviano de Rocha Peixoto, um homem das ciências e das artes, que desde cedo teve de trabalhar para sustentar a família devido ao falecimento do seu pai, nunca esquecer que mais tarde ou mais cedo o trabalho e o esforço darão os seus frutos. Não duvido que um pequeno esforço hoje, terá uma grande recompensa amanhã.

Aos professores, que nunca se esqueçam do que é ser professor e da importância que têm no desenrolar das vidas dos vossos alunos. Tarefa complicada, a de dar aulas, mas os alunos merecem o vosso melhor, para que possam também eles dar o seu melhor.

Por fim, a quem teve paciência de ler até ao fim, votos de felicidades e sucessos futuros. Quanto a mim, é sempre bom recordar os velhos tempos.

Orlando Lino

Como falar sobre mim sem tornar este texto egocêntrico?

Quem sou eu? Uma antiga aluna da Escola Secundária Rocha Peixoto. O nº 30 dos décimo, décimo primeiro e décimo segundo B. Com lugar cativo na última carteira da sala 5, bem lá ao fundo, só porque o meu nome começa por V...

A minha passagem pela Escola, alimentou o meu gosto pelas ciências. Por



essa razão, quando terminado o décimosegundo ano, entrei em Bioquímica na Faculdade de Ciências do Porto. A escolha do curso foi muito complicada. A verdade é que sempre adorei todas as disciplinas à excepção de educação física. Optei por Bioquímica pela simples razão de incluir biologia e química, as minhas duas disciplinas favoritas.

Paralelamente à minha formação académica “normal”, frequentei a Escola de Música da Póvoa de Varzim, desde os meus 6 anos, onde aprendi violino e concluí o oitavo grau, o qual corresponde ao décimo segundo ano de escolaridade.

A música sempre foi a minha grande paixão. Sempre soube que tocar violino, especialmente em orquestra, era o que eu mais gostava de fazer. No entanto, tinha uma visão muito competitiva do mundo da música que me afastou desse caminho, inicialmente...

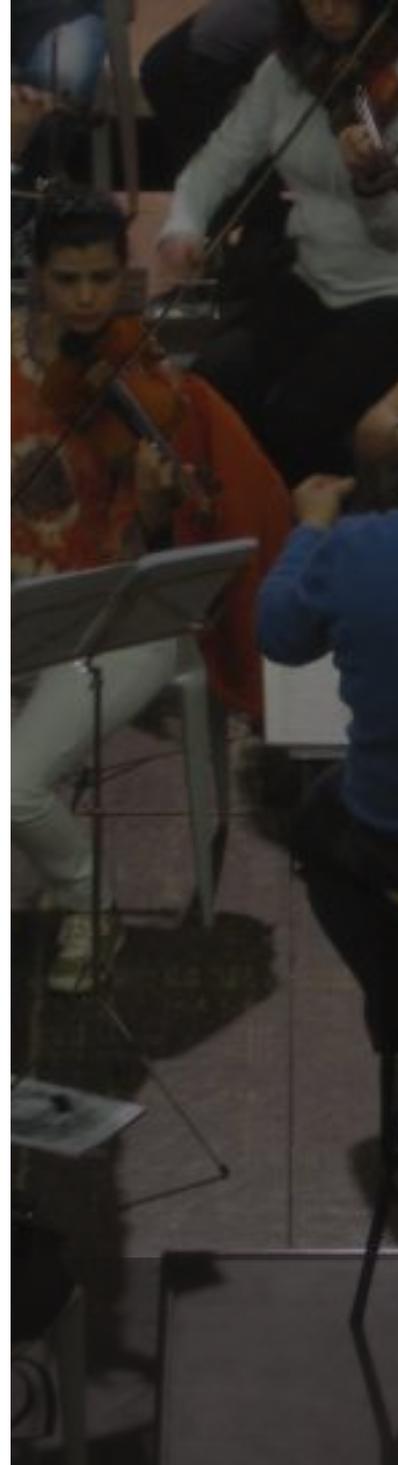
Ao frequentar o primeiro ano de

Bioquímica, dei por mim a bocejar nas aulas e a olhar constantemente para o relógio, algo altamente atípico para uma pessoa como eu, que adora aprender. Em Dezembro desse ano, fui convidada pelo meu ex-professor para reforçar a orquestra da Escola de Música para um concerto de Natal. Aceitei o convite. Passei o concerto inteiro a chorar e esse acabou por ser o ponto de viragem na minha vida. Naquele momento, decidi que não queria ser uma frustrada e que ia lutar pelos meus sonhos. Decidi que não me importava de ser apenas mais uma violinista, mesmo não sendo nenhuma virtuosa. Saí da Faculdade de Ciências e estive um ano a preparar-me para as provas de entrada nas Escolas Superiores de Música. Cada escola exige um programa específico, em diferentes alturas do final do ano lectivo, para que todos os concorrentes se possam deslocar a todas as escolas a que se pretendem candidatar.

Entre na Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco e estudei com um dos professores que mais me interessava, o Professor Augusto Trindade, de 27 anos, na altura, cheio de garra e vontade de vencer e mostrar trabalho. Apanhei o barco da energia dele e dei tudo de mim! Durante os cinco anos em que estive a viver em Castelo Branco, estudei mais de cinco horas por dia de violino - exigência mínima para obter bons resultados – e nunca me arrependi da minha decisão, muito pelo contrário!

Hoje em dia, encontro-me a frequentar o curso de Viola d’Arco, um instrumento muitas vezes confundido com o Violino, mas que é bem mais diferente dele do que, à partida, se pensa... É a minha segunda paixão! Será a minha segunda licenciatura.

Profissionalmente, já dei aulas na Casa da Música de Famalicão, na Academia de Santa Maria da Feira e nas Actividades Extra-Curriculares, na Póvoa de Varzim. Este último projecto foi um dos que mais me preencheu pessoalmente. Cheguei a ter 106 alunos, no total, a aprender violino. É muito gratificante assistir ao despertar da Música nas crianças! Percebi que o povo





Vânia Oliveira

Música

português não nasce ignorante, apenas tem pouco acesso à Cultura. Pude constatar isso mesmo quando vi o espanto no olhar de cada criança, quando abri a minha caixa de violino e tomavam contacto com o instrumento pela primeira vez. Pude partilhar a minha paixão com crianças ávidas de conhecimento. Fizemos concertos memoráveis que ficarão, para sempre, guardados num cantinho especial do meu coração.

Actualmente, lecciono na Escola de Música da Póvoa de Varzim. E é uma experiência e tanto, já que esta é a escola que me viu crescer e é fascinante passar para o outro lado, o lado do docente. Tenho alunos que começaram a estudar violino ou viola

d'arco com quatro anos e é lindo vê-los crescer... Sinto que a Música melhora a vida de cada um deles e que crescem como seres humanos "melhores".

Paralelamente ao exercício da actividade docente, toco em orquestras ou ensembles, ocasionalmente, sempre que consigo aceitar propostas que me permitam conciliar a performance com a minha actividade laboral regular.

Assim é a minha vida e adoro tudo o que faço...

Vânia Oliveira

A minha passagem pela Rocha Peixoto foi uma etapa importante na minha vida académica e também pessoal. Aí, aprendi muitas coisas e fiz muitos amigos, alguns até para toda a vida.

A escolha desta escola para fazer o secundário resultou de vários factores: as suas boas referências e acessibilidades, que ajudavam a ultrapassar as limitações da minha paralisia cerebral, e, principalmente, pela existência do curso Tecnológico de Informática, o qual pretendia frequentar.

Nos primeiros dias de aulas, senti-me um pouco perdida mas rapidamente me fizeram sentir em casa com todo o apoio que recebi por parte de colegas, professores e funcionários. Este apoio foi fundamental à minha adaptação.

Etapa importante na minha vida

Ao longo dos três anos que passei nesta escola, do ano lectivo 03/04 até 05/06, passei momentos maravilhosos que já mais esquecerei. Logo no início do 1º ano, a disponibilização de um computador na sala de aula, para poder escrever os apontamentos de cada disciplina, ajudou-me a sentir mais activa nas aulas e o empenho de todos professores facilitou a minha aprendizagem e obtenção de bons resultados.

Nos dois últimos anos (11º/12º ano), a participação no Projecto Comenius, abriu-me horizontes para conhecer novos países e culturas.

Rosa Carreira

licenciada em Tecnologias da Computação
Gráfica e Multimédia

Pois, com o contacto com professores e alunos de outros países, aprendi muitas coisas e ao mesmo tempo exercitei o meu inglês. Foi uma experiência que gostei muito.

Ao finalizar o 11º ano, fiquei a saber que tinha entrado no quadro de excelência da

Escola. Fiquei muito contente por perceber que todo o meu esforço tinha valido a pena.

Finalizei, no ano de 2009, a licenciatura em Tecnologias da Computação Gráfica e

Multimédia, na Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, sendo a mais nova finalista do instituto. Neste momento, procuro um estágio ou emprego na área da criação de páginas web.

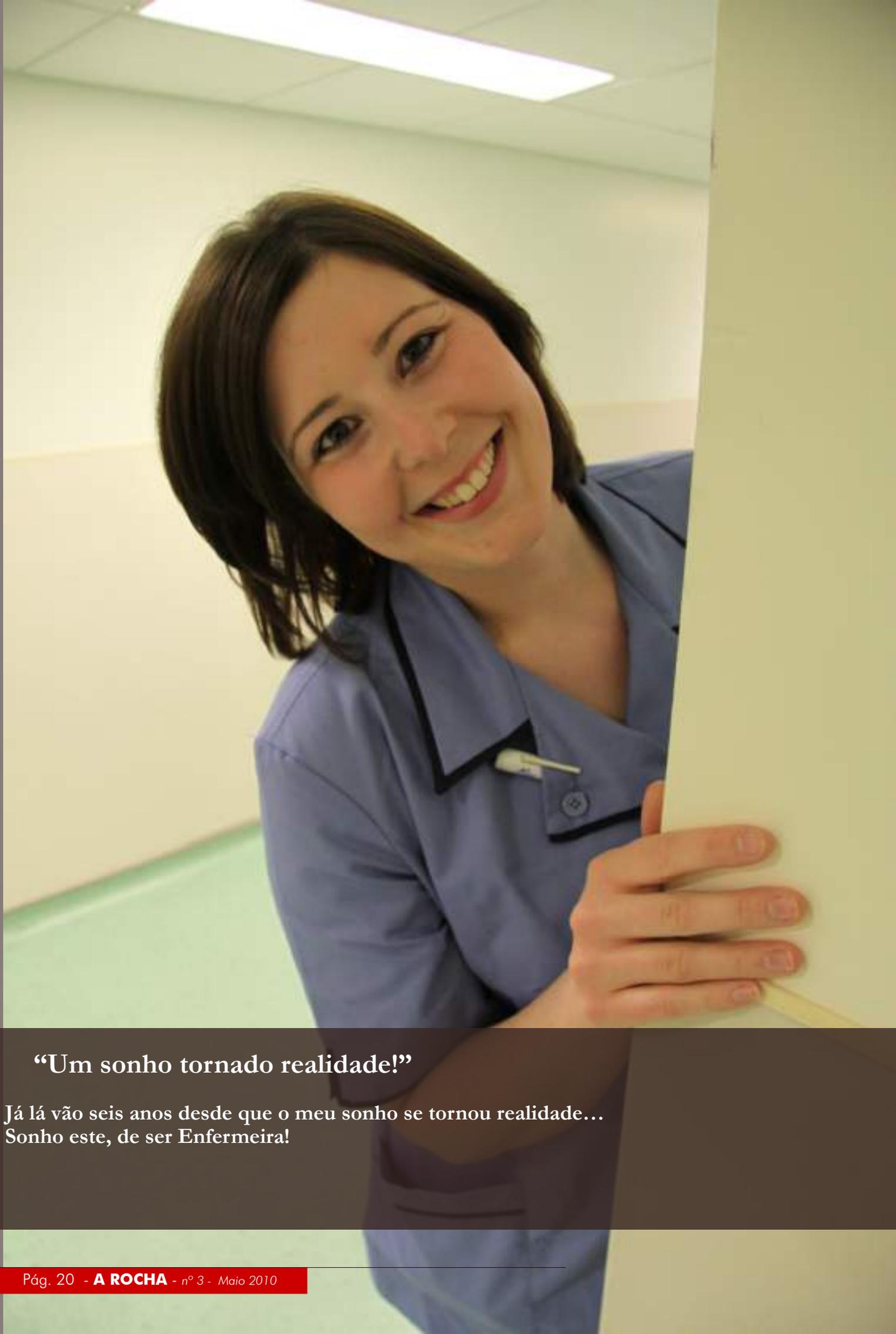


Agradeço a todos os elementos desta escola pelas oportunidades que me foram dadas, por toda a ajuda e apoio que recebi. Em especial, a todas as pessoas que conheci e me acompanharam ao longo dos três anos, proporcionando-me várias actividades.

Finalizando, quero desejar o maior sucesso a todos os que frequentam esta escola e

que aproveitem bem todas as oportunidades que surjam ao longo da vida.

Rosa Carreira



“Um sonho tornado realidade!”

Já lá vão seis anos desde que o meu sonho se tornou realidade...
Sonho este, de ser Enfermeira!

A arte do Ser, do Estar, do Cuidar esteve sempre inerente à minha personalidade, desenvolvendo-as mesmo muito antes de iniciar a licenciatura. Um olhar, um toque, um sorriso, uma palavra, um momento de silêncio... essência da minha arte. É isto que sei fazer.

Sou Enfermeira Licenciada! Trabalhei três anos em Portugal na cidade onde nasci, na Póvoa de Varzim, no Centro Hospitalar Póvoa de Varzim/Vila do Conde e na Clipóvoa, um ano nos Estados Unidos da América e estou acerca de dois anos em Inglaterra mais precisamente na cidade de Londres, no Guy's and St. Thomas Hospital situado em Westminster. Sim, é isso mesmo que estão a pensar, sou de facto uma aventureira e gosto de conhecer novas culturas, novos países e adaptar a minha Enfermagem a estas mesmas. E daí, evoluir pessoal e profissionalmente.

É curioso, olhando para trás, vejo uma menina com um grande sonho e muitos projectos mas, ao mesmo tempo, com muito receio de ser capaz ou não de os alcançar... A vida é mesmo muito surpreendente na maneira como encaminha as coisas.

Licenciei-me em 2004, na Escola Superior de Enfermagem Imaculada Conceição, na cidade do Porto mas, antes estudei na Escola Secundária Rocha Peixoto. Seis anos que passaram a voar...

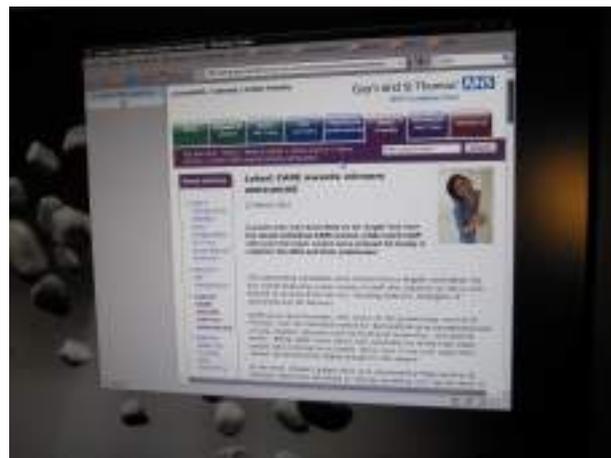
Lembro-me bem que a expectativa em redor da universidade sempre foi enorme e, digamos assustadora. Pois era descrita como o patamar mais alto a atingir para passar para o mundo dos adultos. Mundo este de independência e responsabilidades. Para mim, foram quatro anos que passaram num "segundo", recheados de imenso trabalho, alegrias, lágrimas, suor e dedicação...

Lembro-me do meu primeiro dia como se fosse hoje, pela ansiedade e medo que senti. Medo digo-vos eu, de todo aquele mundo novo e de tudo que estava para vir!

Bem diferente da sensação do meu primeiro dia na ESCOLA. Quando passei do sexto para o sétimo ano, iniciei um novo ciclo na minha vida escolar. A Escola Rocha Peixoto era a escola dos grandes, dos mais crescidos

agradáveis, que na Escola se passaram. O integrar num novo grupo de amigas, a primeira boa nota de um teste, as boas notas no primeiro período da escola... o primeiro amigo especial, o primeiro beijo, a primeira zanga com uma amiga, as reconciliações. Os medos, os receios, a timidez, a vergonha do tudo e do nada... Enfim, o afirmar da minha personalidade!

Integrei uma das turmas da área de Científico-Natural visando já a longo prazo enveredar pela área da saúde. As aulas de Biologia que tanto gostava... as aulas de Química que por vezes me faziam chorar de nervos por não acertar no exercício... as aulas de Português onde me deliciava com as obras de Luís de Camões, chegando a apresentar uma aula elaborada por mim, baseada na passagem sobre "Inês de Castro"... As aulas técnicas de biologia e química fascinavam-me, ainda me lembro bem quando dissertamos uma galinha e vi o sistema digestivo ao pormenor, foi uma experiência fantástica! A filosofia



conhecida como um bicho-de-sete-cabeças, para mim foi uma experiência agradável e adorei a Psicologia e todas as teorias do desenvolvimento. Finalmente recorde-me das aulas de Inglês, da forma como foram leccionadas, como a minha pior experiência na Escola... Mas, por obra do

Lara Raquel Milhazes

Enfermeira

para mim. A Escola que me iria "levar" até ao chamado sonho... vida académica e depois profissional...

Não me recordo o dia exacto mas, sei que era Setembro e um dia de Sol. A Escola era tão grande, tinha tantos alunos, de diferentes idades... as salas de aulas eram enormes, as carteiras muito engraçadas (adorava os anfiteatros), os laboratórios com todo aquele material que eu já me imaginava a trabalhar (fiquei encantada). Lembro-me de ter dado comigo a pensar, "vou-me perder nesta escola tão grande...", os corredores eram enormes e o ginásio era gigantesco...

No meu tempo, recorde-me bem, todos os funcionários nos conheciam... era como se de uma grande família se tratasse! Lembro-me de passagens específicas,

destino (como se costuma dizer...) o Inglês tornou-se a minha língua do dia-a-dia, com o qual tenho uma relação actualmente fantástica!

Ao terminar esta breve retrospectiva sobre o tempo passado na Escola, fica a saudade, a nostalgia de um bonito e agradável tempo que não se repete novamente. Penso... como é possível seis anos da nossa vida serem tão importantes para o nosso crescimento e desenvolvimento como Seres Humanos. É verdade, foram anos de grande valor para a formação da minha personalidade, no adquirir de conhecimentos técnicos e científicos, imprescindíveis para uma base sólida de estudo na universidade.

Fico com a certeza que tudo só poderia ter acontecido assim, naquele tempo, naquele espaço, naquela Escola.

Lara Raquel Milhazes



A Escola Também é a Nossa Casa ?

Faz sentido este título? Vejamos...

A Casa é feita de pessoas que se conhecem bem e que, com todas as virtudes e defeitos inerentes, numa base de sinceridade e confiança vão desenvolvendo um projecto a que normalmente se vão juntando outras pessoas que vão partindo e vão chegando. A manutenção do núcleo do projecto depende sempre da permanência ou não das pessoas que estão na sua origem.

A Casa é feita de espaços e equipamentos que nos são familiares e que gerimos de uma forma muito nossa, tendo a sensação ao fim de um certo tempo que seríamos capazes de o fazer de olhos fechados.

A Casa é um processo dinâmico em que se vão fazendo adaptações de acordo com as necessidades emergentes.



Na Casa também há alturas em que se tem de tomar decisões de fundo. Ou se parte para um novo projecto ou se opta por uma remodelação profunda que permita a sobrevivência da dinâmica do projecto inicial.

A Escola também é a nossa Casa? Olhando para trás penso que no essencial também pode ser.

Há um núcleo estável, com um projecto de escola por demais conhecido, cujas regras são suficientemente claras. A acessibilidade e a disponibilidade deste núcleo nunca foram um problema para a comunidade escolar. Dentro desta existe uma comunidade adulta que, independentemente do maior ou menor empenho, da



maior ou menor criatividade, da maior ou menor disponibilidade sente a Escola como sua e tem orgulho nas suas realizações. Tem o instinto de defender a instituição e os seus membros como coisa sua (relação casa-família). Esta Escola também tem os seus filhos, sempre os elementos mais voláteis de uma comunidade, pois rapidamente ganham a sua independência. Como todos, têm os seus momentos bons ou maus, sendo tratados com sentido de justiça, como se espera de uma família estruturada. A comunidade adulta tem orgulho sempre que se empenham nas diferentes actividades da Escola, sejam elas curriculares ou extra-curriculares e vibra com o seu empenhamento e a forma como eles

também vivem os sucessos, sentindo-os não só como seus mas também da instituição, exteriorizando-o através de várias manifestações simbólicas.

Todos eles seguem o seu rumo, mas muitos são recordados por quem fica e muitos mantêm as recordações da comunidade deixada, havendo sempre visitas que lembram o passado e apontam para o futuro.

A Escola, sendo a mesma, foi ao longo dos tempos sofrendo processos de mudança em função das necessidades e dos novos desafios, sendo a iniciativa do núcleo do



projecto, mas estando este sempre atento às sugestões dos membros da comunidade e aproveitando o que de positivo tem sempre a experiência específica de cada um.

A Escola também é a nossa Casa? Nem sempre. Por vezes damo-nos conta que não.

Na Casa a administração e a gestão de processos está nas mãos do núcleo do projecto familiar. A autonomia é alargada estando dependente das regras da sociedade e das dependências sociais, o que só por si já pode ser um problema de monta.

Na Escola a autonomia continua a ser uma utopia esquecida em letra impressa e nada conveniente às políticas nos seus diferentes níveis e à manipulação tecnocrática de estatísticas nos momentos mais convenientes.

Quantas vezes a Escola é bombardeada com orientações e novas regras que vem abrir brechas numa estratégia de Escola projectada, discutida, definida e assumida pela sua comunidade. Seriam incontáveis os momentos em que a Escola é fustigada.

Mas, também nestas situações é importante existir o espírito de comunidade, de família e de pertença. Com este espírito é muito mais fácil contornar os obstáculos e manter o essencial dos nossos projectos, não deixando romper os elos condutores da coerência dos mesmos. Lembro só como foi importante a posição firme tomada pela Escola em relação à avaliação dos professores em 2008 e a forma como conseguiu uma resposta firme à avaliação externa da Escola conduzida pela Inspeção Geral de Ensino em 2009.

Na Casa que necessita de remodelações profundas, o núcleo do projecto familiar define as alterações e as novas valências em função das suas necessidades e perspectivas futuras, tendo em conta o orçamento disponível e as regras gerais definidas pela sociedade.

Na Escola a decisão, a orçamentação e o projecto de modernização não foram definidos pela comunidade. E isto é mau à partida? Não! Mas é preciso ter em conta que uma parte significativa das decisões foram tomadas por pessoas que não conheciam a comunidade, que nunca lhe pertenceram e portanto não conheciam as características,

particularidades e valências. Na tomada de decisões estes factores são fulcralmente importantes.

Mais uma vez, a mobilização não só da Direcção mas



também de um número significativo de membros da comunidade foi importante porque, ao sentirem a Escola também como a sua Casa, puderam intervir desde o início, contribuindo de forma construtiva para encontrar soluções mais lógicas, mais adaptadas e mais funcionais. Sem esta intervenção activa e este empenho em defender a sua Casa não tenhamos dúvidas que não teríamos, por exemplo, o pavilhão gimnodesportivo, as instalações oficiais e laboratoriais, a biblioteca e os balneários que temos hoje.

Não tenho dúvidas neste momento em afirmar que o artigo escrito na revista do ano transacto, realçando as novas instalações e funcionalidades do que ia ser a nova Escola,



estaria neste momento fora de contexto se não fosse a intervenção firme e fundamentada da nossa comunidade.

Isto quer dizer que a Escola está como gostaríamos de a ter? Realçando sem dúvida o facto de termos uma Escola com melhores condições para toda a nossa comunidade, entretanto inaugurada em 16 de Janeiro de 2010 pelo Sr. Primeiro Ministro, Eng. José Sócrates, e pela Sra. Ministra de Educação, Dra. Isabel Alçada, continuaremos a pugnar para que determinados aspectos funcionais sejam previstos ou alterados e conhecendo como conhecemos esta nossa Casa continuaremos, com certeza, a adaptá-la a nós que vivemos nela.

A Escola também é a nossa Casa? Pode ser... Porque não?... enquanto nos deixarem sonhar.

Noel Miranda

Centenário da morte de Rocha Peixoto



O ano de 2009 ficou marcado pelas comemorações do centenário de Rocha Peixoto. A comunidade escolar viveu intensamente as celebrações levadas a cabo pela Escola e pela Biblioteca Municipal, afinal duas



instituições filhas do mesmo pai, que têm orgulho no legado do seu patrono.

Ao longo do ano, várias iniciativas se desenvolveram para dar a conhecer Rocha Peixoto.

Os professores souberam estar presentes nas muitas manifestações culturais que decorreram ao longo do ano, mostrando-se interessados seguidores da obra que Rocha Peixoto nos legou.

Colóquios, livros, revistas... transformaram este ano de 2009 numa manifestação de apreço pela obra do nosso patrono. Toda a comunidade saiu mais enriquecida com a divulgação da obra e figura de Rocha Peixoto. Os nossos alunos e funcionários redescobriram o seu patrono na exposição dos “Rostos de Rocha” que eles próprios pintaram. Que belas obras de arte surgiram das mãos de artistas com sensibilidades tão diversas!



A preocupação didáctica que é intrínseca a um estabelecimento de ensino contagiou os próprios alunos, levando-os a produzir uma revista lúdica mas cheia de ensinamentos sobre o seu patrono. Assim nasceu a revista “À Descoberta de Rocha”, patrocinada, e divulgada, pela Biblioteca Municipal Rocha Peixoto. E os nossos escritores? Sim, os escritores da Rocha que todos anos fazem o seu aparecimento no dia 18 de Maio? Também estiveram presentes, naturalmente. Porém, neste ano, financiados pela Biblioteca Municipal, apareceram deslumbrantes. Vestiram o seu

fato de gala, para dignificar o centenário do seu patrono, e apresentaram a sua obra com requintes que



só uma tipografia pode proporcionar. O livro “Os Escritores da Rocha” estava lindo! Qualquer estante de qualquer biblioteca sentir-se-ia lisonjeada com tê-lo nos seus braços!

O Dia da Escola não podia ficar indiferente às comemorações do centenário de Rocha Peixoto, Por isso, logo ao começar o dia, fez distribuir, por lindas meninas trajadas a rigor, a revista “A Rocha”, também ela sensibilizada pela obra daquele que lhe deu o nome. Ao longo do dia, no desenrolar das diferentes actividades desportivas e culturais, Rocha Peixoto esteve sempre presente. O entusiasmo daqueles que vivam este dia cresceu quando Rocha Peixoto faz a sua aparição na figura dos seus familiares. Que momento encantador este encontro entre os familiares e a comunidade escolar! As emoções transbordaram com a presença viva da família de Rocha Peixoto. E como se



sentiram felizes seus familiares por verem alunos, funcionários, professores e outros membros da comunidade poveira, de braço dado com o seu antepassado, num passeio humanista, etnográfico... A felicidade era tanta que aqueles parentes, de sorriso rasgado, tinham

dificuldade em se desligar das gentes que continuam a obra do ilustre poveiro, António Augusto César Octaviano da Rocha Peixoto.

O cientista, etnógrafo, humanista, arqueólogo, não morreu. Rocha Peixoto continua presente no trabalho, empenho e sonho daqueles que fazem da sua Escola ou da sua Biblioteca a sua vida.

JP



A Nossa Oferta Escolar

**UM ENSINO E
FORMAÇÃO DE
QUALIDADE**

2010/2011

Cursos Diurnos

Ensino Básico:

- :: 7ºAno
- :: 8ºAno
- :: 9ºAno

Ensino Secundário:

- :: Cursos Científico Humanístico:
 - Curso de Ciências e Tecnologias
 - Curso de Línguas e Humanidades
 - Curso Sócio Económicas
- :: Curso Tecnológico de Desporto
- :: Curso Técnico de Informática de Gestão
- :: Curso Técnico de Electrotecnia
- :: Curso Técnico de Contabilidade
- :: Curso Técnico de Produção Metalomecânica
- :: Curso Técnico de Apoio Psicossocial
- :: Curso Técnico de comunicação, marketing, relações públicas e publicidade

Cursos Nocturnos

- :: Cursos Científico Humanísticos;
- :: Cursos Tecnológicos
- :: Cursos Profissionais

Mais informações:

Na Escola Secundária de Rocha Peixoto, através dos seguintes contactos:

Tel. **252 600 550**
Fax **252 681 077**
Email **conselhoexecutivo@esrp-pv.mail.pt**
www.esrpeixoto.edu.pt



Quadro de Excelência

7º Ano

Carla Flora Sá Faria
Cláudia Elisabete Lima da Silva
Bernardo Teixeira Fernando A. Travessas
Sílvia Marisa G. Queirós dos Santos

8º Ano

Filipa Miranda da Costa
João Pedro Terroso da Silva
Luís Miguel de Almeida Fabião
Miguel Ângelo Feliciano Silva
Sofia Odete de Carvalho Silva
Tiago Patrício Vieira da Silva
Rui Pedro Gonçalves Pinheiro

9º Ano

Ana Luísa Castro
Carolina Alves Lino
Daniela Oliveira Resende
Edgar Francisco Gonçalves
João Pedro Miranda Coelho
José Miguel Costa
Maria Roda Babo Dias Sá
Tomás Troina de Carvalho
João Pedro Carvalho Graça
Vanessa Catarina de Araújo P. Gomes

10º Ano

Alexandrina da Conceição Faria Oliveira
Ana Catarina Martins da Cunha Monteiro
Carla Maria Gomes Delgado
Manuel João Teixeira Furtado
Mónica Figueiredo Dias
Cláudia Alexandra Assunção Carvalhido
Gisela Filipa da Silva Ramos
Helena Cristina Martins Ferreira
Pedro Miguel Bento Pinheiro
Joana Maria Pacheco Soares Machado
Mónica Sofia Ribeiro Moreira
Rodrigo Sencadas da Silva
Sara da Fonte Anjo
Sónia Gomes Correia
Ana Isabel Amorim da Costa Rodrigues
Carolina Silva de Carvalho Alberto

Eduardo António Martins Gonçalves
José Miguel Ferreira Costa Tavares
Pedro Nuno Fernandes Coelho
Diana Gonçalves Cruz

11º Ano

António Diogo Figueiredo André
Ana Vidal
Daniela Araújo
José Edgar Amorim
Andreia Santos
Tiago Silva
Ana Matilde Gomes Carrêlo
Carlos Alberto Laranjeira Aguiéiras Ferreira
José Rui Ramos Caseira
Susana Campos Cunha
Fátima Maria Faria Oliveira
Ana Lúcia Pinheiro Claro
Patrícia Martins Viana
Vânia Patrícia Pereira Serra

12º Ano

Filipa Faria Pinheiro
Marina Isabel Oliveira da Silva
Rúben Tiago Ferreira Ribeiro
Sara Raquel Fangeiro Marques
Cláudia Ribeiro
Joana Fernandes
Julieta Teles
Joana Filipa Martins Furtado
Cristiana Sofia Magalhães Silva
Manuela Vanessa G. da Costa Barreirinho
Zita Alexandra Ribeiro Canão
Vanessa Cristina Azevedo Boucinha
Nelson Casimiro Castro Campos
Lúcia Marisa Postiga Cadilhe
Maria Anabela Ferreira Rocha Vaz Jacinto
João Alberto Cunha do Couto
Joana Raquel Reis Craveiro
Ana Rita Moita Craveiro
Natália Filipa Lima Pontes
Raquel Marina Curval da Costa Eiras
Joana Cristina Ribeiro da Silva
Renato Lúcio Jacobs
Rosa Maria Lopes da Silva
Pedro Tiago Miguel Dias
Marilena Araújo Bouchinho

À semelhança dos últimos anos, a Escola Secundária de Rocha Peixoto vai distinguir os alunos, que em resultado do esforço e do seu empenho, mais se destacaram no ano lectivo 2008/2009 atribuindo-lhes os Diplomas de Quadro de Excelência

Rocha em Números

- 1500** Alunos
- 190** Professores
- 60** Funcionários
- 1** Gabinete de Psicologia e Orientação Vocacional
- 1** Gabinete de Apoio
- 1** Biblioteca Escolar/Mediateca
- 6** Laboratórios
 - Biologia/Física/Geologia/Química
 - Laboratório de Matemática
 - 2 Oficinas/ Laboratórios de Electrónica e Mecânica
- 4** Salas de Informática
- 4** Salas de Desenho
- 2** Salas de Expressões
- 1** Centro de Estudo
- 36** Salas de aula
- 1** Ginásio
- 1** Pavilhão Gimnodesportivo
- 1** Campo de futebol relvado sintético
- 1** Piscina coberta e aquecida
- 1** Sala de Convívio/Bar
- 1** Sala de Directores de turma
- 3** Gabinetes de Atendimento ao E E
- 1** Papelaria
- 1** Centro de Formação
- 1** Centro Novas Oportunidades

